

Julia Quinn

Suzanne Enoch • Karen Hawkins • Mia Ryan

Lady

WHISTLEDOWN
CONTRA-ATACA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

SUMÁRIO

O PRIMEIRO BEIJO

Julia Quinn

7

A ÚLTIMA TENTAÇÃO

Mia Ryan

89

O MELHOR DOS DOIS MUNDOS

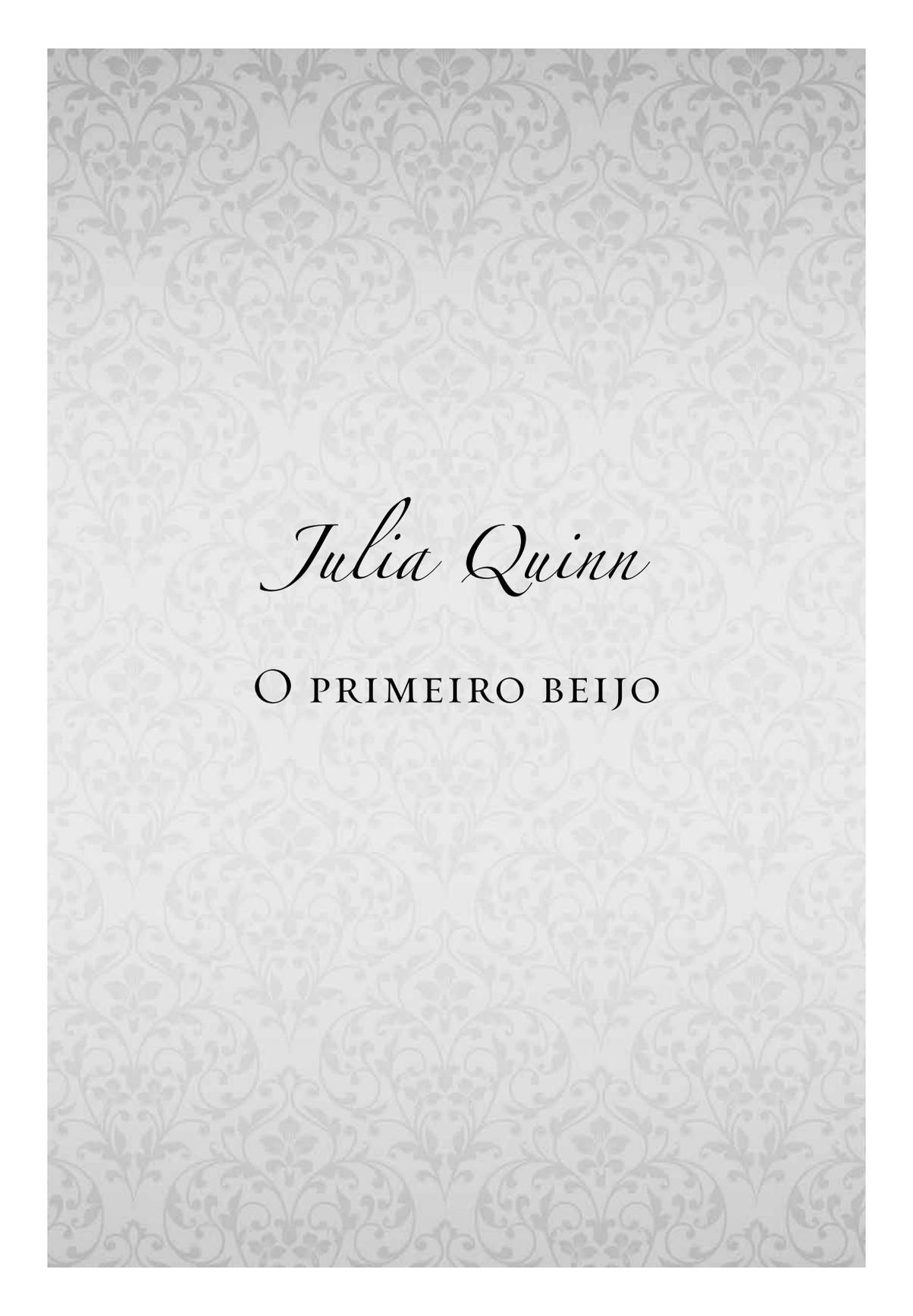
Suzanne Enoch

143

O ÚNICO PARA MIM

Karen Hawkins

233



Julia Quinn

O PRIMEIRO BEIJO

*Para leitores de todos os lugares,
que amavam demais lady W. para deixá-la partir.*

*E também para Paul,
embora ele tenha assumido como vitória pessoal
eu ter conseguido encaixar Star Wars no título deste livro.*

CAPÍTULO 1

O evento mais cobiçado desta semana parece ser o iminente jantar de lady Neeley, a ser realizado na noite de terça-feira. A lista de convidados não é longa, mas também não é notavelmente exclusiva, e, dadas as histórias que se espalharam sobre o jantar do ano passado, ou, para ser mais específica, sobre o cardápio, todos os londrinos (em especial aqueles de maior circunferência) estão ansiosos para participar.

Esta autora não foi agraciada com um convite, portanto deve padecer em casa com uma jarra de vinho, um pão e esta coluna, mas não sinta pena, querida leitora. Ao contrário daqueles que comparecerão ao iminente espetáculo gustativo, esta autora não precisa ouvir lady Neeley!

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,

27 de maio de 1816

Tillie Howard acreditava que a noite poderia ficar pior, só não conseguia imaginar como.

Ela não queria ter ido ao jantar de lady Neeley, mas seus pais insistiram, então ali estava, tentando ignorar o fato de que a anfitriã – a ocasionalmente temida, ocasionalmente ridicularizada lady Neeley – tinha a voz muito parecida com o som de unhas arranhando uma lousa.

Tillie também tentava ignorar os roncões do estômago, que esperava ter sido alimentado pelo menos uma hora antes. O convite dizia sete da noite, logo ela e os pais, o conde e a condessa de Canby, tinham chegado exatamente meia hora depois, na expectativa de serem conduzidos à mesa às oito. Mas ali estavam, quase às nove horas, sem qualquer sinal de que lady Neeley pretendia substituir tão cedo a conversa pela refeição.

Porém, o que Tillie *mais* tentava ignorar, o motivo pelo qual na verdade teria sumido da sala caso fosse capaz de conceber uma maneira de fazê-lo sem chamar atenção, era o homem ao seu lado.

– Ele era um sujeito alegre – disse Robert Dunlop, a voz ressoando com aquela jovialidade que surge quando se consome uma dose a mais de vinho. – Sempre pronto para alguma diversão.

Tillie deu um sorriso sem graça. Ele estava falando do irmão dela, Harry, que morrera quase um ano antes no campo de batalha em Waterloo. Quando ela e

o Sr. Dunlop foram apresentados, ficou empolgada para conhecê-lo melhor. Ela amava Harry desesperadamente, e a saudade que sentia era tão intensa que às vezes lhe tirava o fôlego. E imaginava que seria maravilhoso ouvir de um de seus companheiros de armas histórias sobre seus últimos dias.

A questão era que Robert Dunlop não estava contando o que ela queria ouvir.

– Falava da senhorita o tempo todo – continuou ele, apesar de já ter dito aquilo dez minutos antes. – Só que...

Tillie apenas piscou. Não queria dar a entender que estava ansiosa por mais detalhes. Aquela conversa não poderia terminar bem.

O Sr. Dunlop franziu os olhos.

– Só que ele sempre a descreveu como uma magricela de tranças desgrenhadas.

Tillie levou discretamente a mão ao coque, feito de forma primorosa. Não conseguiu evitar.

– Quando Harry partiu para o continente, eu *de fato* tinha tranças desgrenhadas – disse ela, decidindo que sua constituição física não necessitava maior discussão.

– Ele amava muito a senhorita – disse o Sr. Dunlop.

A voz dele agora estava surpreendentemente suave e ponderada, e isso foi o bastante para conquistar a atenção de Tillie. Talvez não devesse fazer um julgamento precipitado. Robert Dunlop *tinha* boas intenções. E sem dúvida tinha bom coração, e era muito bonito, exibindo uma enorme elegância em seu uniforme militar. Harry sempre escrevera sobre ele com carinho e, mesmo agora, Tillie tinha dificuldade em pensar nele como algo diferente de “Robbie”. Talvez houvesse alguma coisa nele. Talvez fosse o vinho. Talvez...

– Falava da senhorita com entusiasmo. Com entusiasmo – repetiu Robbie, provavelmente para dar ênfase.

Tillie apenas fez que sim com a cabeça. Sentia saudades de Harry, ainda que estivesse se dando conta de que ele dissera a cerca de mil homens que ela era uma magricela bobona.

Robbie assentiu.

– Dizia que a senhorita era a melhor das mulheres, bastava enxergar por baixo das sardas.

Tillie começou a explorar as saídas, em busca de uma rota de fuga. Com certeza poderia simular uma bainha rasgada ou um terrível acesso de tosse.

Robbie se inclinou para olhar suas sardas.

Ou a morte. Seu falecimento teatral certamente resultaria na matéria de capa do *Crônicas da sociedade de lady Whistledown* do dia seguinte, mas Tillie estava quase pronta para arriscar. Com certeza seria melhor do que *aquilo*.

– Ele nos contou como se desesperava com a possibilidade de que a senhorita jamais viesse a se casar – disse Robbie, assentindo de maneira amigável. – Sempre nos lembrava de que a senhorita tinha um dote esplêndido.

Então era isso. O irmão passara seu tempo no campo de batalha implorando que se casassem com ela e usando seu dote (em vez de sua aparência ou, que Deus a livrasse disso, seu coração) como o principal atrativo.

Era típico de Harry morrer antes que ela pudesse matá-lo por aquilo.

– Preciso ir – deixou escapar Tillie.

Robbie olhou em volta.

– Para onde?

Qualquer lugar.

– Para fora – respondeu ela, esperando que a explicação bastasse.

A testa de Robbie franziu de modo confuso enquanto ele acompanhava o olhar de Tillie para a porta.

– Ah – disse ele. – Bem, suponho... Ah, aí está você!

Tillie deu meia-volta para ver quem conseguira roubar a atenção de Robbie. Um cavalheiro alto, com o mesmo uniforme de Robbie, caminhava na direção dos dois. Só que, ao contrário de Robbie, ele parecia...

Perigoso.

O cabelo era escuro, cor de mel, e os olhos eram... bem, ela não podia dizer a cor exata a quase 3 metros de distância, mas na verdade não importava, pois o resto já bastava para deixar qualquer dama de pernas bambas. Os ombros eram largos, a postura, perfeita, e o rosto podia muito bem ter sido esculpido em mármore.

– Thompson – disse Robbie. – Muito bom ver você.

Thompson, pensou Tillie, assentindo mentalmente. Devia ser Peter Thompson, o amigo mais próximo de Harry. Ele o mencionava em quase todas as cartas, mas, por certo, jamais o *descrevera*, ou Tillie estaria preparada para aquele deus grego ali diante dela. Na verdade, se Harry o tivesse descrito, teria apenas dado de ombros e dito algo como “um rapaz de aparência comum, suponho”.

Homens nunca prestavam atenção nos detalhes.

– Conhece lady Mathilda? – perguntou Robbie a Peter.

– Tillie – murmurou ele, pegando a mão que ela oferecera e beijando-a. – Perdoe-me. Eu não deveria ser tão informal, mas Harry sempre lhe chamava assim.

– Tudo bem – disse Tillie, balançando levemente a cabeça. – Está sendo bem difícil não chamar o Sr. Dunlop de Robbie.

– Ah, a senhorita deveria chamar – disse Robbie de modo afável. – Todos me chamam assim.

– Quer dizer que Harry escrevia sobre nós? – indagou Peter.

– O tempo todo.

– Ele gostava muito da senhorita – disse Peter. – Não parava de falar da irmã. Tillie fez uma careta.

– Sim, foi o que Robbie me disse.

– Não queria que ela achasse que Harry não pensava nela – explicou Robbie. – Ah, vejam, ali está minha mãe.

Tanto Tillie quanto Peter olharam para ele, surpresos com a mudança repentina de assunto.

– É melhor eu me esconder – murmurou ele, depois se posicionou atrás de um vaso de planta.

– Ela o encontrará – disse Peter, um sorriso irônico atravessando os lábios.

– As mães sempre nos encontram – concordou Tillie.

O silêncio tomou conta do ambiente, e Tillie quase desejou que Robbie retornasse e preenchesse o vazio com sua conversa amigável, ainda que um pouco fútil. Ela não sabia sobre o que falar com Peter Thompson, o que fazer em sua presença. E não conseguia parar de se perguntar se ele estava pensando em seu dote, e no tamanho dele, e nas muitas vezes que Harry o apresentou como o atributo mais notável que ela possuía.

Mas então ele disse algo completamente inesperado:

– Reconheci a senhorita no momento em que entrei.

Tillie piscou, surpresa.

– Reconheceu?

Os olhos dele, nos quais percebia agora um hipnotizante tom cinza-azulado, observavam-na com uma intensidade que fazia Tillie querer se contorcer.

– Harry a descreveu bem.

– Sem tranças desganhadas – disse ela, incapaz de afastar o toque de sarcasmo da voz.

Peter deu uma risadinha.

– Vejo que Robbie andou contando histórias.

– Algumas, sim.

– Não dê ouvidos a ele. Todos, sem exceção, falávamos de nossas irmãs, e tenho quase certeza de que todos, também sem exceção, as descrevíamos como quando tinham 12 anos.

Tillie decidiu que não havia motivo para informá-lo de que a descrição de Harry adequara-se a ela até uma idade bem mais avançada. Enquanto todas as suas amigas cresciam e mudavam, exigindo roupas novas, mais femininas, a silhueta de Tillie permanecera definitivamente infantil até os 16 anos. Mesmo

hoje, ainda era esguia, mas já tinha, sim, algumas curvas, e estava empolgada com cada uma delas.

Ela agora tinha 19 anos, quase 20, e, por Deus, já não era uma magricela. E jamais seria novamente.

– Como o senhor me reconheceu? – perguntou.

Peter sorriu.

– Não consegue adivinhar?

O cabelo. O maldito cabelo dos Howards. Não importava que as tranças desgrenhadas tivessem dado lugar a um coque elegante. Ela, Harry e seu irmão mais velho, William, todos tinham o infame cabelo ruivo dos Howards. Não era castanho-claro nem alaranjado. Era vermelho – laranja, na verdade –, um tom claro de cobre que Tillie tinha certeza absoluta que já fizera mais de uma pessoa franzir os olhos e desviar o olhar sob o sol. De algum jeito, o pai deles escapara da maldição, que retornara com força total nos filhos.

– É mais do que isso – disse Peter, sem precisar que ela pronunciasse as palavras para saber no que estava pensando. – A senhorita é muito parecida com ele. Sua boca, acho. O formato do rosto.

E ele disse aquilo com tanta intensidade, mas de forma tão tranquila, controlando as emoções que afloravam, que Tillie soube que ele também amava Harry, que sentia sua falta quase tanto quanto ela. E ela teve vontade de chorar.

– Eu...

Ela não conseguiu falar. A voz ficou embargada e, para seu horror, começou a fungar e suspirar. Não era o comportamento digno de uma dama, tampouco era delicado; era uma tentativa desesperada de evitar soluçar em público.

Peter percebeu. Ele segurou o ombro dela e a virou habilmente, de modo que suas costas ficassem voltadas para as pessoas, depois pegou o lenço e o entregou a ela.

– Obrigada – disse Tillie, secando os olhos. – Desculpe-me, não sei o que aconteceu comigo.

Tristeza, pensou ele, mas não disse. Não havia necessidade de afirmar o óbvio. Ambos sentiam falta de Harry. Todos sentiam.

– O que traz a senhorita à residência de lady Neeley? – perguntou Peter, decidindo que uma mudança de assunto era bem-vinda.

Ela lançou-lhe um olhar agradecido.

– Meus pais insistiram. Meu pai sempre diz que o cozinheiro dela é o melhor de Londres e não permitiu que recusássemos o convite. E o senhor?

– Meu pai a conhece – disse ele. – Suponho que tenha me convidado por pena, já que retornei tão recentemente à cidade.

Havia muitos soldados suscitando o mesmo tipo de sentimento, pensou Pe-

ter ironicamente. Muitos jovens, tendo cumprido as obrigações com o exército – ou prestes a cumprir –, estavam perdidos, perguntando-se o que fariam agora que não seguravam mais rifles nem galopavam para a batalha.

Alguns de seus amigos decidiram permanecer no exército. Era uma ocupação respeitável para um homem como ele, o filho mais novo de um pequeno aristocrata. Mas Peter já estava farto da vida militar, do derramamento de sangue, da morte. Os pais o estavam encorajando a entrar para o clero, o que era, na verdade, o único caminho aceitável para um cavalheiro de poucos recursos. Seu irmão herdaria o pequeno solar que acompanhava o baronato; não restava nada a Peter.

Mas o clero, de alguma maneira, não lhe parecia o certo. Alguns de seus companheiros tinham emergido do campo de batalha com a fé renovada; com Peter, acontecera o contrário, e ele sentia-se extremamente desqualificado para conduzir qualquer rebanho pelo caminho da virtude.

O que de fato queria, quando se permitia sonhar a respeito, era viver no campo. Um nobre fazendeiro. Soava tão... tranquilo. Tão diferente de tudo o que sua vida representara nos últimos anos.

Mas ter uma vida assim exigia possuir uma propriedade, e possuir uma propriedade exigia dinheiro, algo que Peter não tinha. Teria uma pequena quantia quando recebesse seu soldo e se aposentasse oficialmente do exército, mas não seria o suficiente.

O que explicava sua recente chegada a Londres. Ele precisava de uma esposa. Uma que tivesse dote. Nada extravagante – nenhuma herdeira teria permissão para se casar com alguém como ele, de todo modo. Não, precisava apenas de uma moça com uma soma modesta de dinheiro. Ou, melhor, um pedaço de terra. Ele estava disposto a se estabelecer em praticamente qualquer lugar da Inglaterra desde que isso significasse independência e paz.

Não parecia um objetivo inatingível. Muitos homens ficariam felizes em casar a filha com o filho de um barão e, além disso, um soldado condecorado. Os pais das verdadeiras herdeiras, das moças com *Dama* ou *a Honorável* antecedendo seus nomes, esperariam por algo melhor, mas os demais o considerariam um pretendente bastante apropriado.

Peter olhou para Tillie Howard – lady Mathilda, lembrou a si mesmo. Ela era exatamente o tipo com o qual não se casaria. Rica além da imaginação, filha única de um conde. Provavelmente não deveria sequer estar conversando com ela. As pessoas chamariam-no de caça-dotes e, apesar de ele ser exatamente isso, não desejava tal rótulo.

Mas ela era a irmã de Harry, e ele fizera uma promessa ao amigo. Além disso, estar ali com Tillie... era estranho. Aquilo deveria fazê-lo sentir ainda mais

saudades de Harry, pois ela era tão parecida com ele... até os olhos, verdes como folhagem, e a curiosa inclinação da cabeça quando prestava atenção em algo.

Mas, em vez disso, ele simplesmente se sentia bem. Até mesmo relaxado, como se ali fosse onde devesse estar: se não com Harry, então com aquela garota.

– Ali está ele! – disse lady Neeley com a voz esganiçada.

Peter virou-se para ver o que precipitara o grito estridente de sua anfitriã. Tillie deu um passo à direita – ele estava impedindo sua visão – e, depois, um leve suspiro:

– Ah.

Havia um grande papagaio verde empoleirado no ombro de lady Neeley, e estava grasnando:

– Martin! Martin!

– Quem é Martin? – perguntou Peter a Tillie.

– Srta. Martin – corrigiu ela. – A dama de companhia dela.

– Martin! Martin!

– Eu me esconderia, se fosse ela – murmurou Peter.

– Não creio que ela possa – disse Tillie. – Lorde Easterly foi incluído de última hora na lista de convidados, e lady Neeley insistiu que a Srta. Martin viesse para igualar o número de damas e o de cavalheiros. – Ela olhou para ele, um sorriso malicioso nos lábios. – A menos que o senhor decida fugir antes do jantar, a pobre Srta. Martin estará presa aqui até o final.

Peter estremeceu quando viu o papagaio levantar voo do ombro de lady Neeley e atravessar a sala na direção de uma mulher magra de cabelos escuros que claramente desejava estar em qualquer lugar menos ali. Ela tentou afugentar o pássaro, mas a criatura não a deixava em paz.

– Coitada – disse Tillie. – Espero que ele não a bique.

– Não – disse Peter, observando a cena, impressionado. – Acho que ele acredita estar apaixonado.

E, de fato, o papagaio estava roçando o bico na pobre mulher, arrulhando “Martin, Martin”, como se acabasse de atravessar os portões do paraíso.

– Minha senhora – implorou a Srta. Martin, esfregando os olhos cada vez mais injetados.

Mas lady Neeley apenas riu.

– Paguei cem libras por esse pássaro, e tudo o que ele faz é adorar a Srta. Martin. Peter olhou para Tillie, que pressionava os lábios em uma expressão furiosa.

– Isto é terrível – disse ela. – Aquele pássaro está fazendo a pobre mulher se sentir mal, e lady Neeley não dá a mínima para isso.

Peter entendeu aquilo como um sinal de que deveria fazer o papel do ca-

valeiro andante e salvar a pobre e transtornada dama de companhia de lady Neeley, mas, antes que pudesse dar um passo, Tillie já tinha atravessado a sala. Ele acompanhou-a com atenção, observando-a esticar um dedo e incitar o pássaro a sair do ombro da Srta. Martin.

– Obrigada – disse a Srta. Martin. – Não sei por que ele está se comportando assim. Nunca ligou para mim antes.

– Lady Neeley deveria tirá-lo daqui – disse Tillie, séria.

A Srta. Martin não disse nada. Todos sabiam que aquilo jamais aconteceria.

Tillie levou o pássaro para a dona.

– Boa noite, lady Neeley – disse ela. – A senhora tem um poleiro para seu papagaio? Ou talvez devêssemos colocá-lo de volta na gaiola?

– Ele não é uma doçura? – perguntou lady Neeley.

Tillie apenas sorriu. Peter mordeu o lábio para conter uma risada.

– O poleiro dele fica ali – respondeu lady Neeley, indicando com a cabeça um local no canto do salão. – Os criados encheram o pote dele com sementes. Ele não irá a lugar algum.

Tillie assentiu e levou o papagaio até o poleiro. Como era de esperar, ele começou a bicar furiosamente a comida.

– Você deve ter pássaros – disse Peter.

Tillie balançou a cabeça.

– Não, mas já vi outras pessoas lidando com eles.

– Lady Mathilda! – chamou lady Neeley.

– Acredito que a senhorita tenha sido convocada – murmurou Peter.

Tillie lançou-lhe um olhar extremamente irritado.

– Sim, bem, o senhor parece ter passado à posição de meu acompanhante, portanto precisará vir também. Sim, lady Neeley? – concluiu Tillie, o tom de voz de repente doce e suave.

– Venha aqui, menina, quero lhe mostrar uma coisa.

Peter seguiu Tillie pela sala, mantendo uma distância segura quando a anfitriã estendeu o braço.

– Gosta? – perguntou ela, balançando a pulseira. – É nova.

– É adorável – disse Tillie. – Rubis?

– Claro. São vermelhos. O que mais poderiam ser?

– Hum...

Peter sorriu enquanto observava Tillie tentar deduzir se a pergunta era retórica ou não. Com lady Neeley, nunca era possível ter certeza.

– Tenho um colar combinando – continuou lady Neeley alegremente. – Mas eu não quis exagerar. – Ela inclinou-se para a frente e disse em um tom

que não seria descrito como silencioso em qualquer outra pessoa: – Nem todos aqui têm os bolsos tão cheios quanto nós duas.

Peter poderia jurar que ela olhou para ele, mas decidiu ignorar a afronta. Não se podia ficar ofendido com nenhum dos comentários de lady Neeley. Fazer isso atribuiria importância demais à opinião dela e, além disso, significaria estar sempre se sentindo insultado.

– Mas coloquei meus brincos!

Tillie inclinou-se e, como se cumprisse um dever, admirou os brincos da anfitriã, mas, exatamente quando estava empertigando os ombros, a pulseira de lady Neeley, sobre a qual ela fizera tanto alarde, deslizou do seu punho e caiu no tapete.

Enquanto lady Neeley dava um gritinho de decepção, Tillie curvou-se e pegou a joia.

– É uma peça adorável – elogiou ela, admirando os rubis antes de devolver a pulseira à dona.

– Não posso acreditar que isso aconteceu – disse lady Neeley. – Talvez seja grande demais. Meus pulsos são muito delicados, você sabe.

Peter tossiu na mão.

– Posso dar uma olhada? – perguntou Tillie, dando um chute no tornozelo dele.

– Claro – respondeu a mulher mais velha, entregando a pulseira a Tillie. – Meus olhos não são mais como antes.

Um pequeno grupo se reunira, e todos observavam Tillie, que franzia os olhos e mexia no mecanismo dourado e brilhante da presilha.

– Acho que a senhora precisará mandar para o conserto – disse Tillie afinal, devolvendo a pulseira a lady Neeley. – O fecho está com defeito. Certamente cairá de novo.

– Besteira – retrucou lady Neeley, estendendo o braço. – Srta. Martin! – gritou. A Srta. Martin veio apressada para perto dela e prendeu a pulseira.

Lady Neeley soltou um “humpf” e levou o punho ao rosto, examinando a pulseira mais uma vez antes de baixar o braço.

– Comprei na Asprey’s, e posso lhe assegurar que não há melhor joalheria em Londres. Não me venderiam uma pulseira com a presilha defeituosa.

– Tenho certeza de que não tiveram a intenção – retrucou Tillie –, mas...

Ela não precisou terminar. Todos baixaram os olhos para o local no tapete onde a pulseira tinha acabado de cair pela segunda vez.

– Definitivamente, é a presilha – murmurou Peter.

– Isso é revoltante – anunciou lady Neeley.

Peter estava de acordo, sobretudo tendo em vista que agora tinham desper-

diçado minutos preciosos com a pulseira reluzente quando só o que queriam naquele momento era sentar-se para jantar. Tantas barrigas roncavam que ele não conseguia dizer qual era de quem.

– O que faço com isso agora? – lamentou-se lady Neeley, depois que a Srta. Martin pegou a pulseira do tapete e lhe devolveu.

Um homem alto de cabelos escuros que Peter não reconheceu apareceu oferecendo uma pequena bonbonnière.

– Talvez isto sirva – disse ele.

– Easterly – murmurou lady Neeley, com bastante relutância, na verdade, como se não quisesse reconhecer a ajuda do cavaleiro. Ela colocou a pulseira na bonbonnière, depois a pousou sobre uma cômoda próxima. – Pronto – falou, arrumando a pulseira em um círculo perfeito. – Suponho que todos ainda possam admirá-la aqui.

– Talvez ela possa servir como centro de mesa enquanto comemos – sugeriu Peter.

– Hum, sim, excelente ideia, Sr. Thompson. Além do mais, está quase na hora de nos sentarmos para o jantar.

Peter poderia jurar ter ouvido alguém sussurrar: “Quase?”

– Ah, muito bem, comeremos agora – disse lady Neeley. – Srta. Martin!

A Srta. Martin, que de alguma maneira conseguira se afastar vários metros da patroa, retornou.

– Certifique-se de que tudo esteja pronto para o jantar – disse lady Neeley.

A moça se retirou e, depois, em meio a muitos suspiros de alívio, o grupo passou da sala de estar para a sala de jantar.

Para sua alegria, Peter descobriu que seu lugar era ao lado de Tillie. Normalmente, não se encontraria ao lado da filha de um conde e, na verdade, suspeitava que deveria fazer par com a mulher à sua direita, mas ela tinha Robbie Dunlop do outro lado e ele parecia estar fazendo um ótimo trabalho em manter uma conversa com ela.

Como previram os boatos, a comida estava excelente, e Peter colocava prazerosamente uma colherada de sopa de lagosta na boca quando ouviu um movimento à esquerda e, ao se virar, viu Tillie olhando para ele, os lábios entreabertos como se estivesse prestes a dizer o seu nome.

Ela era adorável, ele percebeu. Adorável de uma maneira que Harry jamais poderia ter descrito, de uma maneira que, como irmão dela, jamais poderia ter notado. Harry jamais teria sido capaz de enxergar a mulher por trás da menina, jamais teria se dado conta de que a curva de seu rosto implorava por uma carícia, ou que quando ela abria a boca para falar às vezes

fazia uma pequena pausa primeiro, pressionando levemente os lábios, como se aguardasse um beijo.

Harry jamais teria enxergado aquilo, mas Peter enxergava, e isso o deixava completamente abalado.

– A senhorita gostaria de me perguntar algo? – disse ele, surpreso com o fato de a voz soar normal.

– Gostaria – respondeu ela –, embora não saiba bem como... Não sei...

Ele aguardou que ela organizasse os pensamentos.

Depois de um tempo, Tillie inclinou-se para a frente, olhou ao redor da mesa para se assegurar de que ninguém os estava observando e perguntou:

– O senhor estava lá?

– Onde? – perguntou ele, apesar de saber exatamente o que ela queria dizer.

– Quando ele morreu – disse ela em voz baixa. – O senhor estava lá?

Peter assentiu. Não era algo que gostasse de lembrar, mas precisava ser honesto com Tillie.

O lábio inferior dela tremeu e a jovem sussurrou:

– Ele sofreu?

Por um instante, Peter não soube o que dizer. Harry sofrera. Passara três dias com o que devia ter sido uma dor imensa, as duas pernas quebradas, a direita tão gravemente que o osso atravessara a pele. Ele poderia ter sobrevivido, talvez apenas mancando um pouco – o cirurgião responsável era especialista em colocar ossos no lugar –, mas então foi acometido por uma febre, e não demorara muito para Peter perceber que o amigo não venceria a batalha. Dois dias depois, estava morto.

Mas quando a vida se esvaíra de Harry, ele estava tão apático que Peter não tinha certeza se sentira dor ou não, especialmente com o láudano que roubara de seu comandante e lhe entornara goela abaixo. Portanto, quando finalmente respondeu à pergunta de Tillie, disse apenas:

– Um pouco. Não foi indolor, mas imagino que... no final... tenha sido tranquilo.

Ela assentiu.

– Obrigada. Sempre me perguntei isso. Ficaria para sempre me perguntando. Fico mais tranquila por saber.

Ele voltou a atenção para a sopa, esperando que um pouco de lagosta, farinha e caldo pudessem afastar a lembrança da morte de Harry, mas então Tillie disse:

– Devia ser mais fácil por ele ser um herói, mas não é bem assim.

Ele a encarou com uma pergunta no olhar.

– As pessoas ficam dizendo que devemos ter muito orgulho dele – explicou ela –, porque ele é um herói, porque morreu em um campo de batalha em Waterloo, sua baioneta no corpo de um soldado francês, mas não acho que isso torne as coisas mais fáceis.

Ela deu um sorriso trêmulo, o tipo de sorriso estranho, indefeso, que alguém dá quando percebe que não há resposta para algumas perguntas.

– Ainda sentimos falta dele, tanto quanto sentiríamos se ele tivesse caído do cavalo, contraído sarampo ou engasgado com um osso de galinha.

Peter sentiu seus lábios se abrirem enquanto assimilava aquelas palavras.

– Harry *foi* um herói – ele ouviu-se dizer, e era a verdade.

Harry provara isso dezenas de vezes, lutando com bravura e salvando vidas. Mas não morreria como herói, não da maneira que a maioria das pessoas gostaria de pensar. Harry já estava morto quando houve o combate contra os franceses em Waterloo, seu corpo irremediavelmente desfigurado em um acidente estúpido, depois de ficar seis horas preso debaixo de uma carroça de suprimentos que tentaram consertar mais de uma vez. O maldito veículo deveria ter virado lenha semanas antes, pensou Peter com irritação, mas o exército nunca tinha o suficiente de nada, incluindo uma simples carroça de suprimentos, e seu comandante de regimento recusara-se a considerá-la inapropriada para o uso.

Mas agora estava claro que não fora essa a história que haviam contado a Tillie, e provavelmente aos pais dela. Alguém tentara aliviar o golpe da morte de Harry pintando seus últimos minutos com as cores vermelho-escuras do campo de batalha, em toda a sua terrível glória.

– Harry foi um herói – disse Peter novamente, pois era verdade, e ele aprendera havia muito tempo que aqueles que não tinham vivenciado a guerra jamais poderiam compreender sua verdade.

E se trazia conforto pensar que um tipo de morte podia ser mais nobre do que outro, não seria ele que acabaria com a ilusão.

– O senhor era um bom amigo – disse Tillie. – Fico feliz por Harry.

– Fiz uma promessa a ele – deixou escapar Peter. Ele não pretendia contar a Tillie, mas por algum motivo não conseguiu se conter. – Nós dois fizemos uma promessa, na verdade. Foi alguns meses antes de ele morrer, e tínhamos... Bem, a noite anterior fora horrível e tínhamos perdido muitos homens do nosso regimento.

Ela inclinou-se para a frente, os olhos arregalados e brilhantes de compaixão, e quando ele olhou para ela, viu o rosa leitoso de sua pele, o leve salpicar de sardas em seu nariz... Mais do que qualquer outra coisa, queria beijá-la.

Por Deus. Bem ali no jantar de lady Neeley, queria segurar Tillie Howard pelos ombros, puxá-la para si e beijá-la com toda a vontade.

Harry teria chamado sua atenção na hora.

– O que aconteceu? – perguntou ela, e as palavras deveriam tê-lo trazido de volta à realidade, lembrado a Peter que estava lhe contando algo muito importante.

No entanto, tudo o que conseguia fazer era olhar para os lábios dela, que não eram propriamente rosados – em vez disso, tinham um tom de pêssego –, e ocorreu-lhe que nunca, jamais se dera o trabalho de olhar para a boca de uma mulher – pelo menos não daquela maneira – antes de beijá-la.

– Sr. Thompson? – chamou ela. – Peter?

– Desculpe-me – disse ele, as mãos cerradas sob a mesa, como se a dor das unhas cravadas nas palmas das mãos fosse de alguma maneira obrigá-lo a retomar o assunto em questão.

– Fiz uma promessa a Harry – continuou ele. – Estávamos falando de casa, como muitas vezes fazíamos quando a situação ficava particularmente difícil, e ele falou da senhorita, e eu de minha irmã... Ela tem 14 anos... E prometemos um ao outro que, se algo de ruim nos acontecesse, cuidaríamos da irmã um do outro. Manteríamos as senhoritas em segurança.

Por um momento, ela não fez nada além de olhar para ele, depois disse:

– É muito gentil de sua parte, mas não se preocupe, eu absolvo o senhor da promessa. Não sou mais uma menina e ainda tenho um irmão, William. Além disso, não preciso de um substituto para Harry.

Peter abriu a boca para falar, mas rapidamente pensou melhor. Ele não se sentia nada fraternal em relação a Tillie e estava bastante seguro de que aquilo não era o que Harry tivera em mente quando lhe pedira para que cuidasse dela.

E a *última* coisa que ele queria era substituir o irmão dela.

Mas o momento parecia exigir uma resposta e, de fato, Tillie olhava para ele de forma questionadora, a cabeça inclinada para o lado, como se estivesse esperando que ele dissesse algo bastante significativo e inteligente ou, se não isso, algo que a permitisse oferecer uma resposta provocativa.

E foi por isso que, quando o desagradável berro de lady Neeley ressoou na sala, o ruído agudo não incomodou Peter, ainda que as palavras fossem:

– Minha pulseira! Minha pulseira sumiu!

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

